

[a]

Visto daqui, o espírito do jardim,
pergunto-me: ¿que querem
estas árvores estas flores de mim?

¿que querem de mim
o jardim da desgraça,
os seres da desolação?

nos seus cartões esfarrapados...
no seu ranho lúbrico...
na sua ¡absoluta não possessão!

... ¿Que seja ¡amável!?

[b]

À hora a que regressam
do outro lado do espelho
os operários, fartos
de não poder falar,

fartos do não-poder,

o vidro que trazem cravado
nos olhos é o que resta
do seu reflexo tolerado,
da sua pequena morte de

ainda não poder morrer.

O miserável mergulho no real
antecipa-lhes o frio da ressaca
do trabalho, há quem caminhe
da noite para a noite escura,

mas há rostos lívidos de ódio
que falam por assobio.

[c]

Na absurda hora da beleza essencial,
quand' o outro mundo ciciza o seu trilho
a velhos ou novos, e as sirenes no bairro
parece haverem emudecido de vez,
e o espírito abstractizante toma o pulso
à violência cingida a mudas escaramuças,
o pessoal embrutecido ataca a sopa.

Nervos eriçados, acaba assim o poema,
o transe do medo, o arrepio da paixão.
Fim do turno. O caos legou-nos mais este
dia de vida e sabedoria sem retribuição.
Gravado fica o rude bloco de pedra
com o motivo, o tom e a intensão.
Subvertida foi a quietude apática.

Em certas estações do ano, certas cidades,
à hora a que a república dorme
adubando os cardos da indulgência,
sonham os anjos da protecção civil,
sorriso pueril nos lábios, seus rostos serenos
e pálidos dão por vezes trepidantes sinais
duma profunda electricidade.

Paulo da Costa Domingos